

# Mudança no tratamento da dívida contraria banqueiros

*6/10/94*

**JOSÉ MEIRELLES PASSOS**  
Enviado Especial

NOVA YORK — A mudança de enfoque do Governo brasileiro, com relação à próxima renegociação da dívida externa, começou a provocar um dos efeitos pretendidos. Os banqueiros credores, que na quarta-feira passada tinham se reunido aqui, entre si, para chegar a uma posição com relação às conversas que teriam com a Ministra Zélia Cardoso de Mello, estão desnorteados.

Exceto William Butcher, Presidente do Chase Manhattan Bank, os líderes de outros três grandes credores do Brasil (Citicorp, Manufacturers Hanover e Chemical Bank) deixaram a suíte do Hotel Intercontinental exibindo semblantes carregados. Eles foram recebidos um a um, e ao fim admitiram que não esperavam que o Governo sugerisse uma mudança nos métodos de diálogo que sempre foram utilizados.

A idéia é que os banqueiros viajam ao Brasil e exponham ao Governo, individualmente, as alternativas de negociação que lhes pareçam mais interessantes. Conhecidas as necessidades de cada um, o País montaria uma proposta final a partir desse quadro. Há bancos pequenos, por exemplo, que gostariam de trocar seus créditos por investimentos no Brasil; outros aceitariam reduzir a dívida através de participação no processo de privatização.

— Estamos lidando com bancos diferentes, de diferentes países, e que têm interesses diferentes. Queremos explorar todas as possibilidades, de modo que, quando sentarmos para negociar definitivamente, o resultado seja satisfatório tanto para nós quanto para eles — disse Zélia.

Esse método parece perturbador para os grandes bancos, que lideram o Comitê Assessor dos 400 credores privados do Brasil. Eles deixaram claro, ontem, que prefeririam que



Telefoto AFP

**Zélia Cardoso de Mello quer conversas individuais com os banqueiros**

os contatos fossem feitos como de costume, entre a equipe negociadora do Brasil e o comitê de bancos.

— O processo através do nosso Comitê é difícil, mas foi muito útil no passado — comentou o Presidente do Chemical Bank, Richard Simmons.

A sensação dos banqueiros é de que a alteração desse processo tradicional pode acabar levando o Brasil, ao fim das consultas, a propor uma negociação em separado e não conjunta, através do Comitê. Jório Dauster, o negociador oficial do Brasil, deixou essa hipótese aberta:

— Durante as consultas que pretendemos realizar no Brasil examinaremos também as formas de negociação. E a forma final pode até passar pela negociação através do Comitê — disse ele.

William Rhodes, do Citicorp, Presidente do comitê, comentou, antes de entrar na Suite Barclay, do Intercontinental, que gostaria que a negociação começasse o mais rápido possível. Mas saiu dali ciente de que o País só quer começar a renegociação formal em setembro ou outubro.

— Nossa impressão é de que eles ainda não se decidiram sobre como negociar — comentou Rhodes.

Mais tarde, numa entrevista, Zélia daria uma resposta indireta:

— Já temos uma estratégia concreta para a negociação. Só que não cabe divulgá-la no momento. Nossa compromisso, aliás, é revelar essa estratégia primeiro aos brasileiros, e só depois aos banqueiros.